

REPERCUSSÕES DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO

THE EFFECTS OF THE USE OF MEDICINAL PLANTS AND PHYTOTHERAPIC ON ONCOLOGIC TREATMENT

SBOLLI, K.¹; DINIZ, W. Y.²

¹ Discente do Departamento de Enfermagem – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

² Docente do Departamento de Enfermagem – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

A agressividade é uma característica do câncer, e conseqüentemente os indivíduos portadores dessa patologia, para minimizar o seu sofrimento ou se curar, mantem-se abertos a outras possibilidades de tratamento. Embora determinadas plantas medicinais possuam efeitos quimiopreventivos e antineoplásicos significativos, caso sejam associadas simultaneamente a medicações convencionais prescritas podem provocar interações medicamentosas perigosas. O objetivo deste estudo foi identificar as principais vantagens e desvantagens do uso de fitoterápicos e plantas medicinais, além de conhecer as suas repercussões quando associados ao tratamento quimioterápico antineoplásico. O estudo constituiu-se de uma revisão bibliográfica e os resultados mostraram que, diversos pacientes oncológicos fazem uso de plantas medicinais e fitoterápicos, e que algumas espécies além dos efeitos terapêuticos também podem apresentar efeitos nocivos, requerendo cuidado quanto aos seus riscos toxicológicos, o que evidencia a necessidade dos profissionais da saúde receberem uma preparação mais eficiente para que possam desmitificar concepções equivocadas dos pacientes e orientá-los quanto à associação de tais práticas ao sistema convencional.

Palavras-chave: Plantas Medicinais. Fitoterápicos. Câncer.

ABSTRACT

Aggressiveness is a characteristic of cancer, and consequently the individuals with this condition, in order to minimize their suffering or heal, keep open to other treatment options. Although certain medicinal plants possess significant chemopreventive and anticancer effects, if they are both associated with prescribed conventional medications may cause dangerous drug interactions. The aim of this study was to identify the main advantages and disadvantages of the use of herbal and medicinal plants, besides knowing the repercussions when associated with antineoplastic chemotherapy. The study consisted of a literature review and the results showed that many cancer patients make use of herbal and medicinal plants, and some species beyond the therapeutic effects can also have harmful effects, requiring careful thoughts about their toxicological risks, which highlights the need for health professionals receive a more efficient preparation so they can demystify misconceptions of patients and guide them through the association of such practices to the conventional system.

Keywords: Medicinal Plants. Phytotherapeutic. Cancer.

INTRODUÇÃO

O conhecimento das plantas mostrou-se presente nos primeiros estudos do homem, devido a sua necessidade de coletar raízes, caules, folhas e frutos para a caça, alimentação e cura dos seus males. (GOTTLIEB e KAPLAN, 1993 apud DAVID; NASCIMENTO; DAVID, 2004).

No Brasil, a pobreza da população, os conhecimentos da cultura indígena e a rica flora repercutem em uma utilização intensa das plantas medicinais (FUKUMASU, 2008). Considerando ainda que, de toda a biodiversidade vegetal do mundo, o território brasileiro representa de 22 a 24%, tornando a flora nativa uma das fontes mais significativas quanto às substâncias com potencial farmacológico. (AZEVEDO, 2003 apud SILVA et al., 2013).

Ao se tratar do câncer e as suas respectivas técnicas de tratamento, mostram-se como as mais promissoras a quimioterapia, radioterapia, hormonioterapia, imunoterapia e intervenção cirúrgica. Contudo, há outras possibilidades de tratamento que são representadas pelas práticas alternativas, que se caracterizam pelo uso de métodos não convencionais, como plantas medicinais e fitoterápicos. (CASARIN; HECK; SCHWARTZ, 2005 apud MOLIN et al., 2012).

A agressividade é uma característica do câncer, e conseqüentemente os indivíduos portadores dessa patologia, para minimizar o seu sofrimento ou se curar, mantem-se abertos a outras possibilidades de tratamento. (MORAES; ALONSO; FILHO, 2011).

Contudo, cabe ressaltar que ainda existe uma carência de conhecimento em relação ao mecanismo de ação, eficácia e segurança das práticas não convencionais, mesmo estas apresentando um uso cada vez maior. Como também não é habitual o esclarecimento do paciente quanto à utilização das mesmas. (ELIAS; ALVES; TUBINO, 2006).

Neste contexto, não é pelo fato das plantas possuírem origem natural que são saudáveis e desprovidas de riscos, fato este que merece maiores esclarecimentos. (FUKUMASU, 2008).

De acordo com Gomes et al., 2001 apud Moraes, Alonso, Filho (2011) efeitos perigosos podem ocorrer devido ao uso de plantas medicinais, pois tanto a ação terapêutica quanto a tóxica podem ser obtidas da mesma planta, sendo dependente da dosagem e preparo da mesma.

Ainda que muitos pacientes omitam a utilização simultânea de fitoterápicos durante o tratamento quimioterápico antineoplásico convencional, o seu uso concomitante pode resultar em interações medicamentosas, e estas em conseqüências indesejáveis, e em algumas situações, no comprometimento da vida do indivíduo. (MEIJERMAN, 2006 apud FUKUMASU, 2008).

A incorporação de práticas populares e tradicionais na medicina moderna ou oficial requer conhecimento dos profissionais da saúde quanto aos conceitos e concepções dessa abordagem. Da mesma forma torna-se imprescindível a informação da população quanto ao tipo de produto terapêutico e os benefícios e malefícios de consumi-lo. (DI STASI, 2007).

O objetivo deste estudo foi identificar as principais vantagens e desvantagens do uso de fitoterápicos e plantas medicinais, além de conhecer as suas repercussões quando associados ao tratamento quimioterápico antineoplásico.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão, onde foram selecionadas publicações científicas com assuntos relacionados ao tema, no período entre abril e julho de 2014, disponíveis nas bases de dados BIREME, SCIELO e GOOGLE ACADÊMICO e no acervo da Biblioteca das FIO. Foram utilizados os seguintes descritores: plantas medicinais, fitoterápicos e câncer, sendo que para a elaboração deste estudo foi aproveitada uma amostra de 02 livros, 01 monografia e 11 artigos. Optou-se apenas por estudos publicados em língua portuguesa e que datam de 2002 a 2014.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Gradim (2005) o câncer refere-se a uma desordem celular, com crescimento desordenado das células, resultando em alterações de funcionamento, e podendo levar a morte, quando não tratado precocemente.

Os pacientes oncológicos que apresentam metástases disseminadas ou que não respondem adequadamente à intervenção cirúrgica e à radioterapia, comumente recebem como modalidade de tratamento os quimioterápicos antineoplásicos, sendo que eles representam uma alternativa de tratamento que pode refletir na remissão completa da neoplasia, porém que ainda apresenta um número de clientes que manifestam efeitos colaterais ou que não respondem satisfatoriamente a terapia (WILKINSON, 2001 apud FUKUMASU, 2008).

Geralmente o momento do diagnóstico, o diagnóstico de metástases ou ainda a recorrência durante estágios avançados da doença marcam as fases mais críticas em que o paciente devido ao estado vulnerável pode procurar os tratamentos não convencionais. (FLETCHER, 1992 apud ELIAS e ALVES, 2002). A terapêutica não

convencional do câncer procura amenizar o sofrimento causado tanto pelos efeitos colaterais ou sintomas clínicos do paciente, como também promover o preenchimento de lacunas possivelmente originadas de uma desestruturação psicológica. (JACONODINO; AMESTOY; THOFEHRN, 2008).

De acordo com Del Giglio (1996) apud Melo et al. (2012) a descrição das terapias não-convencionais refere-se a um conjunto de práticas, à parte do modelo médico dominante, que são destinadas a prevenção, diagnóstico e tratamento, e que não são ensinadas usualmente em cursos da área da saúde, e não apresentam execução no ambiente hospitalar, possuindo ainda questionamentos em relação a sua eficácia devido a insuficiência de estudos que visam a análise dos resultados e por não haver uma base racional à luz dos dados científicos disponíveis na atualidade.

Ainda, muitas pessoas que recorrem ao uso da medicina não convencional não possuem conhecimento sobre o seu funcionamento devido à falta de esclarecimentos sobre a temática, apesar do uso crescente dessa medicina na atualidade. (ELIAS; ALVES; TUBINO, 2006 apud MORAES; ALONSO; FILHO, 2011).

A utilização de fitoterápicos como uma forma adicional no tratamento e prevenção de patologias, de maneira especial contra as crônicas, vem aumentando tanto em países em desenvolvimento, como em países desenvolvidos. (FERREIRA et al., 2008 apud SILVA et al., 2013). Conforme afirma a Organização Mundial de Saúde (OMS), para tratar da saúde 85% das pessoas do mundo recorrem a plantas medicinais, e ainda aproximadamente 85% da medicina tradicional envolve a utilização de extratos de plantas. (SOLER, 2000 apud OLIVEIRA; SIMÕES; SASSI, 2006).

Segundo Di Stasi (2007) a medicina tradicional pode ser definida como uma medicina particular de um grupo étnico, incluindo seus conhecimentos construídos frente ao entendimento do que é doença e o seu reconhecimento da natureza como recurso terapêutico, geralmente não recebendo influência de outras culturas.

Já a medicina popular é aquela em que se utilizam práticas de tratamento e prevenção de doenças através de informações e conhecimentos da medicina tradicional, sendo impossível determinar a origem desse conhecimento, já que se trata de uma mistura de informações e práticas de saúde que foram sendo

incorporadas e disseminadas no conhecimento da população ao longo do tempo. (DI STASI, 2007).

O emprego de plantas medicinais, por pacientes, tem sido observado tanto para condições clínicas com baixo risco, como também para doenças de maior gravidade. (OLIVEIRA; MACHADO; RODRIGUES, 2014).

Segundo Moraes, Alonso, Filho (2011) diversos pacientes com câncer fazem uso de plantas como possibilidade de tratamento, geralmente por sua iniciativa e desprovidos da opinião médica.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) as plantas medicinais são espécies vegetais que possibilitam a obtenção e utilização de produtos de interesse terapêutico como medicamento pelo homem. Entretanto, na lista de plantas medicinais da OMS, independente do fato de a planta ser a mesma usada pela população como medicinal ou não, outras espécies de vegetais, que possuem compostos ativos com propriedade terapêutica, estão incluídas. (DI STASI, 2007).

Contudo, pesquisadores da área aderem ao conceito que reconhece o papel fundamental do conhecimento popular e da respectiva utilização das espécies vegetais pelos seres humanos. Assim sendo, uma planta medicinal consiste em qualquer espécie vegetal que possui como finalidade a prevenção, o tratamento e o alívio de sintomas de uma doença. (DI STASI, 2007).

Com relação à definição de fitoterapia segundo Eldin e Dunford (2001) apud Rossato et al. (2012) consiste no estudo e aplicação, diante de um contexto holístico, dos efeitos terapêuticos obtidos de drogas vegetais e derivados. Já para Di Stasi (2007) a fitoterapia é a terapia fundamentada na utilização de fitoterápicos que se apresentam como produtos de origem vegetal e avaliados em relação à sua eficácia e segurança de uso, possuindo ainda características de controle de qualidade.

O uso milenar das plantas medicinais evidenciou, com o decorrer dos anos, que algumas podem apresentar a presença de substâncias potencialmente perigosas, como também cientificamente pesquisas revelaram que elas devem ser usadas com os devidos cuidados, respeitando seus riscos toxicológicos, já que muitas apresentam substâncias potencialmente agressivas. (SCHULZ et al., 2002 apud ROSSATO et al., 2012).

As propriedades terapêuticas de qualquer planta não determinam se a mesma é desprovida de efeitos maléficos ao organismo, portando o efeito que pode ser observado é estabelecido ao se considerar o contexto em que em que a espécie é empregada, o preparo, a dosagem e o diagnóstico, sendo que este geralmente é feito de acordo com a concepção de saúde-doença de uma cultura, popular ou tradicional, e não por um profissional da saúde. (DI STASI, 2007).

Embora determinadas plantas medicinais possuam efeitos quimiopreventivos e antineoplásicos significativos, caso sejam associadas simultaneamente a medicações convencionais prescritas podem provocar interações medicamentosas perigosas. (FUKUMASU et al., 2008).

Em concordância com Kuhlmann (2001) apud Fukumasu (2008) a definição de interação medicamentosa pode ser entendida como a resposta clínica ou farmacológica da co-exposição de uma determinada medicação convencional com outra substância, resultando em alteração da resposta do cliente a esta medicação.

Com a finalidade de amenizar as complicações do quimioterápico, como enjoos, vômitos e diarreia, o paciente oncológico comumente também apresenta a necessidade de receber outros medicamentos. Logo, a farmacocinética dos quimioterápicos também pode ser modificada por vários componentes naturais que o paciente pode estar usando, além de tais medicamentos. Sendo assim, a dieta do paciente e a utilização de fitoterápicos associados à quimioterapia demanda um cuidado apropriado. Ainda, entre os efeitos destas interações medicamentosas podem-se destacar aqueles que possuem relação com o potencial citotóxico, que pode aumentar ou diminuir, ou com os efeitos colaterais que podem aumentar. (FUKUMASU, 2008).

Tem sido evidenciada uma preocupação dos profissionais da saúde, que cuidam de pacientes oncológicos, em relação à utilização dos métodos alternativos ou complementares, aceitando a ideia de que o risco do paciente substituir a terapêutica tradicional pela não-convencional sempre irá existir, repercutindo em um comprometimento das chances de sucesso do tratamento, sobretudo na sua fase inicial. (ELIAS e ALVES, 2002 apud MELO et al., 2012).

Embora as práticas populares e tradicionais sejam alvo de preconceito de profissionais da saúde dentro do sistema oficial, a integração saudável entre esses dois sistemas mostra-se como uma realidade próxima e inevitável em meio à

necessidade, interesse e crença da população nessas novas possibilidades de tratamento e cura de afecções. (DI STASI, 2007).

No Brasil, existe uma deficiência tanto de estudos científicos sobre as plantas medicinais e fitoterápicos para avaliar a sua utilização adequada, como de um controle eficiente do comércio, por órgãos oficiais, em feiras livres ou mercados de produtos naturais. Neste contexto, visto a frequência dos efeitos adversos e interações medicamentosas dos fitomedicamentos, a toxicidade das plantas medicinais evidencia um problema de saúde pública. (MACIEL et al., 2002 apud MORAES; ALONSO; FILHO, 2011).

Assim sendo, é primordial a realização de pesquisas científicas e a disponibilização dos seus dados de forma segura e acessível aos clientes, isso através da preparação apropriada dos profissionais da saúde para posteriores orientações a estes clientes. (OLIVEIRA; MACHADO; RODRIGUES, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os portadores de câncer, frente ao seu estado de vulnerabilidade e na busca da cura da doença ou da minimização do próprio sofrimento, procuram por novas possibilidades terapêuticas, destacando-se o uso das práticas não convencionais, apesar delas ainda serem precárias quanto à disponibilidade de dados científicos e questionadas em relação a sua eficácia.

Diversos pacientes oncológicos fazem uso de plantas medicinais e fitoterápicos em conjunto com o tratamento convencional, comumente por iniciativa própria e sem informar a equipe de saúde. Ainda, evidencia-se a carência dos mesmos quanto a esclarecimentos e informações apropriadas sobre o tipo de produto terapêutico e os benefícios e malefícios de consumi-lo.

Embora o uso das plantas medicinais e fitoterápicos ser uma prática antiga e considerada por muitos como desprovida de riscos, algumas espécies além dos efeitos terapêuticos também apresentam efeitos nocivos, requerendo cuidado quanto aos seus riscos toxicológicos, uma vez que a sua utilização inapropriada e sem o devido conhecimento pode resultar em interações medicamentosas perigosas.

Sendo assim, ao se considerar os métodos não convencionais, os profissionais da saúde necessitam de uma preparação mais eficiente sobre a temática, para que possam desmitificar concepções equivocadas dos pacientes e

orientá-los quanto à associação de tais práticas ao sistema convencional. Como também deve ser oferecido um maior incentivo à efetivação de estudos científicos, para que dessa forma o paciente possa ser assistido de forma holística, segura e respeitosa em relação aos recursos por ele escolhidos.

REFERÊNCIAS

DAVID, Juceni Pereira de Lima; NASCIMENTO, Jorge Antonio Piton; DAVID, Jorge Maurício. Produtos fitoterápicos: uma perspectiva de negócio para a indústria, um campo pouco explorado pelos farmacêuticos. **Infarma**, Brasília, v. 16, n 9-10, 71-76, 2004.

DI STASI, Luiz Claudio. **Plantas medicinais: verdade e mentiras: o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber**. São Paulo: Editora UNESP, 2007. 133 p.

ELIAS, Marcia Carlos; ALVES, Elaine. Medicina não-convencional: prevalência em pacientes oncológicos. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.48, n.4, p.523-532, 2002.

ELIAS, Marcia C.; ALVES, Elaine; TUBINO, Paulo. Uso de medicina não-convencional em crianças com câncer. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.52, n.3, p.237-243, 2006.

FUKUMASU, Heidge et al. Fitoterápicos e potenciais interações medicamentosas na terapia do câncer. **Revista Brasileira de Toxicologia**, v. 21, n.2, p.49-59, 2008.

GRADIM, Clícia Valim Côrtes. **Sexualidade de casais que vivenciaram o câncer de mama**. 2005. 182 f. Tese (Doutorado em Sociedade, Saúde e Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP-USP, Ribeirão Preto, 2005.

JACONODINO, Camila Bittencourt; AMESTOY, Simone Coelho; THOFEHRN, Maria Buss. A utilização de terapias alternativas por pacientes em tratamento quimioterápico. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v.13, n.1, p. 61-66, 2008.

MELO, Mônica Cecília Pimentel de et al. Câncer de colo uterino e a influência das terapias complementares. **Revista Tendências da Enfermagem Profissional**, Fortaleza, v.4, n.2, p. 703-707, 2012.

MOLIN, Gislaine Tisott Dal et al. Utilização de plantas medicinais e fitoterápicos por pacientes submetidos à quimioterapia em um centro de oncologia em Ijuí/RS. **Revista Contexto & Saúde**, Ijuí, v. 11, n. 22, p. 50-51, 2012.

MORAES, Lorena Gomes de; ALONSO, Araci Molnar; FILHO, Eduardo Cyniro Oliveira. Plantas medicinais no tratamento do câncer: uma breve revisão de literatura. **Universitas: Ciências da Saúde**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 77-99, 2011.

OLIVEIRA, L. A. R.; MACHADO, R. D.; RODRIGUES, A. J. L. Levantamento sobre o uso de plantas medicinais com a terapêutica anticâncer por pacientes da Unidade Oncológica de Anápolis. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Campinas, v.16, n. 1, p.32-40, 2014.

OLIVEIRA, M. J. R.; SIMÕES, M. J. S.; SASSI, C. R. R. Fitoterapia no Sistema de Saúde Pública (SUS) no Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 8, n. 2, p. 39-41, 2006.

ROSSATO, et al. **Fitoterapia Racional**: Aspectos Taxonômicos, Agroecológicos, Etnobotânicos e Terapêuticos. 1ª ed. Florianópolis: Editora DIOESC, 2012. 213 p.

SILVA, Rogério Almiro Oliveira et al. Prospecção tecnológica de fitoterápico (*Euphorbia Tirucalli* L.) utilizado no tratamento de neoplasias e outras doenças. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 6, n.4, p. 490-499, 2013.